

DO ENTRUDO AOS PASSEIOS: A HIERARQUIZAÇÃO ESPACIAL DO CARNAVAL CARIOCA NO SÉCULO XIX

FELIPE FERREIRA

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
felipeferreira@pobox.com

RESUMO

No início do século XIX, o carnaval do Rio de Janeiro se organizava em torno de um entrudo popular, grosseiro e característico das ruas da cidade, e outro, mais delicado e familiar, que tinha lugar dentro das casas senhoriais. Com o intuito de “civilizar” esses festejos, considerados grosseiros e ligados ao passado colonial, a elite carioca importaria o carnaval parisiense, com seus *bals masqués* em teatros e salões. Para se chegar aos bailes, organizavam-se cortejos de carruagens. Estes acabavam por se deparar com as brincadeiras populares que não tinham desaparecido. O resultado desse encontro entre os diferentes grupos carnavalescos seria a hierarquização das vias urbanas. As modificações por que passaria a festa traduziriam, desse modo, não somente a tensão e a oposição entre as classes sociais, mas também sua abertura ao diálogo. O moderno carnaval brasileiro é, portanto, um casamento entre as tradições populares e o modelo estrangeiro, tomando posse do espaço público e se transformando na festa de toda uma cidade, de toda uma população.

Palavras-chave: Festa. Carnaval. Entrudo. Cortejos. Cultura Popular. Elite.

DE L'« ENTRUDO » AUX PROMENADES : LA HIÉRARCHISATION SPATIALE DU CARNAVAL CARIOCA AU XIX^E SIÈCLE

RÉSUMÉ

Au début du XIX^e siècle, Rio de Janeiro connaissait, au moment de carnaval, un *entrudo* grossier, populaire, qui prenait possession des rues, et un *entrudo* familial plus calme, qui se déroulait dans les maisons bourgeoises. Afin d'épurer des fêtes

de mauvais goût, Rio de Janeiro importe le carnaval parisien et ses bals masqués organisés dans des lieux clos. Pour s'y rendre, les gens aisés forment des cortèges. Ceux-ci rencontrent dans les rues les manifestations populaires, qui n'ont pas disparu. De leur concurrence résulte une hiérarchisation des voies. Dans le même temps, les idées passent d'un groupe à l'autre. L'évolution de la fête traduit ainsi le jeu des classes sociales, leur opposition, mais aussi leur ouverture. Ainsi naît le carnaval moderne : il marie traditions populaires et modèle étranger, prend possession de l'espace public et devient ainsi la fête de toute une ville, de toute une population.

Mots-clés : Fête. Carnaval. *Entrudo*. Cortèges. Culture Populaire. Élite.

A STROLL THROUGH CARNIVAL : THE SPATIAL HIERARCHY OF CARNIVAL IN RIO IN THE NINETEENTH CENTURY

ABSTRACT

In early nineteenth century, at the time of carnival, Rio de Janeiro celebrated a rough and popular *entrudo* in its streets and a quieter and familial one in its middle and upper classes houses. In order to refine it, Rio de Janeiro imported the Parisian carnival with its masked balls in closed ballrooms. To reach them, well-to-do people organized processions. In the streets, they encountered popular gatherings, which had not disappeared. From their competition resulted a hierarchical organization of streets. At the same time, ideas moved from one group to the other. The evolution of the feast expressed in this way the interaction between social classes, their opposition, but also their openness. The modern carnival was born in this way: it combined popular traditions and a foreign model, took hold of public space and became in this way the feast of a whole city, of a whole population.

Keywords: Feast. Carnival. *Entrudo*. Passeio. Popular Culture. Elite.

A seringa do carnaval é a bisnaga

Publicada no periódico carioca *Semana Illustrada* de 26 de fevereiro de 1871, a frase que abre este artigo, de difícil compreensão para o leitor contemporâneo, denunciava de forma concisa a tensão presente nos dias de carnaval do Rio de Ja-

neiro nas últimas décadas do século XIX. Objeto marcante da antiga brincadeira carnavalesca denominada entrudo, a seringa era utilizada pela população carioca para esguichar água em quem passasse pela rua nos dias dedicados à folia. A eliminação desse e de outros instrumentos utilizados com os mesmos objetivos (como as bolas de cera recheadas de líquidos, conhecidas como limões de cheiro, ou as gamelas, baldes e bacias transbordantes de água) era vista como um ato simbólico de extermínio do “ultrapassado e anacrônico” entrudo e sua substituição pela nova diversão “civilizada” que, no Brasil, assumiria o nome de “carneval”. Entretanto, ao contrário do que se esperava e apesar de esforço da elite, o novo e sofisticado carnaval não conseguiria exterminar o entrudo. Mesmo com o desaparecimento dos antigos instrumentos de diversão, outros mais “modernos” surgiriam, como as garrafas que espocavam confetes ou as bisnagas de metal usadas para esguichar líquidos, não deixando morrer os “velhos” costumes das molhaças. Ou seja, a frase “a seringa do carnaval é a bisnaga” é, ao que parece, uma expressão do desânimo de constatar que, mesmo com a chegada da brincadeira civilizada, o espírito do antigo entrudo não teria desaparecido. Mudava o formato dos elementos, mas ali por trás, espregando nos salões e nas ruas, mantinham-se vivos os significados e as tensões das antigas, e “grosseiras”, diversões carnavalescas.

É essa tensão entre o entrudo de origem lusitana e as comemorações sofisticadas de influência francesa, ocorrida no espaço urbano do Rio de Janeiro, que marcará a formatação, na segunda metade do século XIX, de uma nova festa carnavalesca caracteristicamente brasileira. Produto do diálogo tenso entre dois discursos opostos, a folia carioca passaria por uma substancial modificação espacial. Se, no período do entrudo, a brincadeira espalhava-se por toda a cidade indistintamente, ocupando ruas, vielas, becos e praças da cidade colonial, com a importação da folia à francesa, estabelece-se, pouco a pouco, a valorização carnavalesca de certos espaços urbanos e, por conseguinte, a desqualificação dos locais alijados da folia. Marcas e matrizes (BERQUE, 1998) do processo de “invenção” do carnaval brasileiro no século XIX (FERREIRA, 2005), essas hierarquizações carnavalescas e a espacialização das tensões a ela relacionadas serão o tema das considerações do presente artigo.

OS ENTRUDOS

O termo genérico “entrudo”, utilizado pelo menos desde o século XVII para definir uma grande variedade de brincadeiras e atividades ocorridas nos

dias de carnaval em todo o Brasil, passaria a ser associado basicamente às práticas da capital do país na virada do século XVIII para o XIX. Apesar da diversidade de eventos que ocorriam no país, incluindo danças, representações teatrais populares, touradas e comilanças, são as brincadeiras ocorridas em sua capital – mais grosseiras e ligadas ao lançamento mútuo de líquidos e pós – que iriam definir o espírito da festividade a partir de então. E é essa concepção simplificada do entrudo que será fartamente divulgada, e combatida, pela imprensa da época, marcando o sentido e o formato da festa para as gerações futuras. Um exemplo é o livro de Eneida de Moraes, obra seminal sobre a brincadeira carnavalesca brasileira publicada em 1958, que define a diversão entrudística de forma resumida como “um carnaval porco e brutal [...] com o qual festejamos Momo nos tempos da Colônia e do Império [...] repetindo hábitos de nossos colonizadores” (MORAES, 1958, p. 17).

É interessante notar que mesmo se levarmos em conta somente sua versão característica do Rio de Janeiro, é difícil imaginarmos uma formatação única para o entrudo, como descrevem os cronistas e historiadores do carnaval. Quando se pesquisam relatos sobre o tema, percebe-se que ainda que se considere exclusivamente o conceito mais estreito do entrudo, havia, na verdade, muitas diversões diferentes reunidas sob uma mesma denominação, o que sugere a existência de vários “entrudos” ligados às práticas de diferentes camadas da sociedade da época. Buscando simplificar essa multiplicidade de formas, procuramos, em trabalho anterior, resumi-las em duas grandes categorias que denominamos de “entrudo familiar” e “entrudo popular” (FERREIRA, 2004), ressaltando, entretanto a existência de toda uma gama intermediária de “entrudos”.

O ENTRUDO POPULAR

Vertente mais pública da brincadeira, aquela diversão carnavalesca que denominamos entrudo popular apresentava-se também como sua face mais agressiva e condenável. Fartamente descrito pelos viajantes que chegavam à capital do Brasil, era comum ser apresentado como um costume brutal e selvagem, ao qual se dedicava toda a população que ocupava, então, as ruas da cidade, com destaque para os escravos e negros libertos. Nos relatos dos estrangeiros, quase sempre desavisados quanto aos costumes locais, a atividade “entrudística” adquiria ares especialmente agressivos, misturando o lançamento

de grande quantidade de líquidos com a lambança produzida por pós, graxas ou gorduras (ARAÚJO, 1996). A imprensa, por sua vez, não poupava críticas ao entrudo das ruas, descrevendo-o com tintas mais carregadas como “o bárbaro jogo de águas e limões” (CORREIO MERCANTIL, 1856), a “lepra de nossa civilização” (O BRASIL, 1842) ou “portador de constipações e tísicas” (SEMANA ILLUSTRADA, 1866), e exigindo que a polícia “empregue toda a vigilância a fim de obstar a quaisquer excessos” (CORREIO MERCANTIL, 1849) durante os dias de carnaval.

O que queremos destacar aqui, entretanto, é a forma de ocupação espacial dessa brincadeira. Por se apresentar como uma espécie de surpresa, de susto que se pregava em alguém, o entrudo popular não tinha, praticamente, um lugar privilegiado para acontecer. A qualquer momento, ao dobrar qualquer esquina, ao passar sob qualquer balcão, ao cruzar com qualquer passante, era possível ser encharcado pelo esguicho de uma seringa, receber a descarga de uma bacia de água ou ser atingido pelo lançamento de projéteis, farinhas e pós diversos. Pode-se dizer, desse modo, que toda a cidade, sem distinção, era palco da brincadeira entrudística.

Essa espécie de democratização espacial festiva provavelmente contribuiu para que o entrudo das ruas fosse duramente criticado pela elite, visto que ele não respeitava as hierarquias sociais inscritas no tecido urbano da cidade. Em qualquer lugar público onde se estivesse, era possível sofrer as agressões com líquidos e pós. Essa mesma distribuição espacial equânime também parece estar na raiz da ideia de que o entrudo seria um evento em que as distinções sociais desapareciam, produzindo um momento de inversão da ordem estabelecida e reforçando a imagem do carnaval como um momento em que o mundo se apresenta de cabeça para baixo, tão cara à intelectualidade oitocentista e aos estudos antropológicos sobre a festa (DAMATTA, 1997).

Vale notar, entretanto, que mesmo ocupando toda a cidade, o entrudo popular estabelecia espaços onde se concentravam algumas atividades características do processo carnavalesco. Um desses espaços eram os chafarizes da cidade, utilizados basicamente por negros escravos que ali buscavam a água a ser utilizada nas casas de seus senhores. Se durante todo o ano o entorno dos chafarizes já se apresentava como um lugar de encontros e socializações dos escravos, nos dias de entrudo essas trocas se intensificavam, transformando aqueles locais em verdadeiros pandemônios. Pouquíssimo frequentados pela elite, esses virtuais territó-

rios exclusivos dos escravos (e da população carente em geral) pouco apareceriam nos relatos carnavalescos por se tratarem de espaços praticamente invisíveis para o resto da população.

Em suma, o entrudo popular, apesar de expressar desigualdades sociais e diferentes formas de ocupação do espaço, expressava-se através de uma distribuição espacial consideravelmente homogênea, representando um período do ano que, de certa forma, propiciava à população das ruas algum tipo de poder, mesmo que temporário. Talvez a percepção dessa situação tenha sido exatamente o que desencadeou a reação da elite ao carnaval “selvagem” de então.

O ENTRUDO FAMILIAR

Mas o entrudo popular não era a única forma de se comemorar os dias de carnaval no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. Opondo-se à ojeriza da elite pelo desregramento das ruas, dentro das casas senhoriais, uma brincadeira similar àquele era muito bem-vinda e bem-vista pelas famílias cariocas. Denominada por nós de “entrudo familiar”, o divertimento tinha ares muito mais civilizados que aquele que ocorria do lado de fora das residências (FERREIRA, 2005). Consistindo, basicamente, em encontros sociais interfamiliares em torno de refeições ou tertúlias, essas comemorações tinham funções bastante definidas, servindo para o estreitamento de laços sociais, a promoção de negócios ou a aproximação dos filhos e filhas com idade para casar. Muitos romances teriam se iniciado nas festas de entrudo promovidas em casas de família como, por exemplo, aquele retratado na peça “O namoro de entrudo”, anunciada nos jornais de 1852 (JORNAL DO COMMERCIO, 1852).

Apesar de similares em seu espírito, as brincadeiras do entrudo familiar nunca ultrapassavam os limites do decoro e do bom-senso, resumindo-se ao lançamento de líquidos, pós ou projéteis feitos de cera recheados com líquidos diversos chamados de limões ou laranjas de cheiro, de acordo com seu tamanho e cor. Um divertimento ameno entre “moças e velhas, velhos e meninos, todos se pregando logros, todos dizendo graças, dançando, cantando e rindo” (MARMOTA FLUMINENSE, 1853).

Por suas próprias características, o entrudo evitava os espaços públicos e, por conseguinte, os encontros inesperados ou fortuitos das ruas. Seu lugar era o interior das casas e, mais especificamente, as salas de refeição ou de estar onde moças e rapazes de diferentes famílias podiam se divertir e se socializar sob o

olhar e controle dos mais velhos, estes quase sempre poupados das brincadeiras. Entretanto, apesar de toda a vigilância, vale notar que a festa, durante os dias de carnaval, permitia às mulheres da casa certo grau de liberdade, visto que, na maioria das vezes, eram elas que organizavam as ágapes, preparavam os limões de cheiro e tomavam a iniciativa de lançá-los sobre os senhores e senhoras (quando permitido), os escravos da casa ou, preferencialmente, sobre os rapazes. O viajante inglês, John Luccok, por exemplo, narra uma divertida história ocorrida no Rio Grande do Sul, na qual, ao chegar em visita à casa de um amigo, é recebido, e devidamente encharcado, por um grupo mascarado que, logo depois, descobrirá ser composto pelas filhas de seu hospedeiro (LUCOCK, 1951).

Essa pequena, porém notável possibilidade de ação feminina será, juntamente com sua localização dentro das residências, uma das mais marcantes características do entrudo familiar. De todo modo, sua forma de ocupação dos espaços privados reafirma a dispersão espacial que o caracterizará, contrastando com a crescente concentração espacial do novo carnaval que veremos a partir de agora.

AS CONDENAÇÕES

Proclamada a Independência, em 1822, o Brasil buscará afirmar sua identidade aproximando-se do novo modelo de civilização europeia e afastando-se da influência portuguesa. Por sua forte ligação com o passado lusitano, o entrudo começará a sofrer uma verdadeira campanha de desqualificação incentivada pela importação das formas e ideologias presentes no carnaval europeu, em especial aquele que acontecia na cidade de Paris, então considerado a maior festa carnavalesca do mundo. A comemoração elegante da capital da França se apresentaria, aos olhos da elite intelectual e econômica brasileira, como solução para civilizar a festa nacional, substituindo a brutalidade dos antigos divertimentos pela sofisticação dos bailes e passeios que tornaram mundialmente famoso o carnaval parisiense oitocentista (GASNAULT, 1986; FERREIRA, 2005).

O primeiro movimento em direção à substituição do “ultrapassado e caranca” entrudo pelo “novo” carnaval dos bailes mascarados e passeios ao estilo francês se manifesta na desqualificação e condenação da antiga brincadeira. Manifestando sua opinião nos jornais, os leitores incitam as autoridades a em-

pregar “toda a vigilância a fim de obstar a quaisquer excessos ordinários em tais dias”, lembrando que o entrudo se encontra “em oposição com as leis municipais” (CORREIO MERCANTIL, 1849), destacando seu caráter agressivo e a falta de graça da brincadeira cujos participantes são “uma súcia de moleques” armados de “seringas, cuias e folhas apanhando água da chuva que corria pelos regos” e atirando “sobre os outros que passavam” (O MAGICO, 1852). Os novos grupos que se organizavam para brincar o carnaval nas ruas solicitavam ao chefe de polícia que não deixasse “cair em olvidos as disposições que proíbem o bárbaro jogo de águas e limões, a favor do qual ainda podem aparecer os recalcitrantes de mau gosto” (CORREIO MERCANTIL, 1856). Os organizadores dos bailes lembravam que o entrudo era não só “proibido pelas posturas da câmara, mas até por diversas ordens do governo e autoridades policiais”, sendo vedado “jogar entrudo dentro dos teatros, [...] seja com limões de cheiro, polvilho ou qualquer outra coisa” e destacando que os “infratores serão, além de multados, processados por desobediência” (JORNAL DO COMMERCIO, 1857).

A VITÓRIA DO CARNAVAL

Com o apoio dos jornais, das autoridades e de boa parte da elite cultural da época, a campanha começaria, aparentemente, a surtir efeito. Um artigo de 1866 destacava que o deus Momo, símbolo do novo carnaval, “substituiu um pobre ancião que se chamava Entrudo, portador de constipações e tísicas”, e que a partir de então “reina o carnaval, a dança, os carros, os enfeites, e outras coisas mais” (SEMANA ILLUSTRADA, 1866). Outro texto saúda a chegada do carnaval ressaltando, entretanto, que há “dúvidas sobre qual dos divertimentos é melhor, se o dos bailes de máscaras, se o dos limões de cheiro” (SEMANA ILLUSTRADA, 1867). Essa espécie de recaída nostálgica com relação ao velho entrudo não se refere, obviamente, à brincadeira agressiva das ruas, mas ao nunca totalmente desprezado entrudo familiar. É essa constatação que explica o fato de o próprio Imperador D. Pedro II ser considerado um adepto da brincadeira entrudística a ponto de, mesmo contrariando as ordens policiais, ter tido “também o seu capricho de ensaiar a pontaria com o limão de cheiro, e molhou e foi molhado” (REVISTA ILLUSTRADA, 1880).

O importante, entretanto, é percebermos o discurso oficial que decreta a iminente e inevitável falência do antigo entrudo (pelo menos aquele ligado aos

excessos de liberdade das ruas) e a vitória do novo carnaval importado pela elite brasileira.

De fato, na primeira metade do século XIX, as novas diversões carnavalescas importadas da França, que começam a aportar na cidade do Rio de Janeiro sob a forma de bailes mascarados e passeios em carruagens abertas, pareciam dominar a cena foliã.

BAILES E PASSEIOS

Primeira manifestação carnavalesca com ares parisienses a chegar ao Brasil, os bailes mascarados eram promovidos, inicialmente, pelas sociedades musicais e dançantes que já existiam no país, como a Constante Polka, a Amantes do Masqué, no Tivoly, a Sociedade Harmonia Nitherohyense ou a Sociedade de Baile Guanabara. Decorados com luxo e esplendor, esses eventos procuravam reproduzir a pompa dos *bals masqués* de Paris, com seus “inumeráveis espelhos colocados simetricamente refletindo por todos os lados os lustres e as girândolas, os painéis de mármore coloridos cobertos de troféus de bronze, os camarotes com cortinas de veludo amaranço e todo o conjunto movimentado das variadas fantasias” (FOURCAUD, 1898).

O sucesso dos bailes e sua grande repercussão nos jornais cariocas iriam incentivar o comércio de fantasias, roupas, perucas e toda sorte de acessórios para disfarces, assim como ampliaria a oferta de ceias nos restaurantes, o aluguel de quartos, para as trocas de roupa, e de carruagens ou cocheiros, para levar os foliões até o local das festividades, geralmente salões de teatros ou hotéis e, logo depois, clubes de lazer especialmente preparados para esse tipo de evento, como o Tivoly, situado no Campo da Aclamação, centro do Rio de Janeiro.

Esses deslocamentos, pouco a pouco, deixariam de ser uma simples passagem de um lugar ao outro para adquirirem uma importância e um sentido próprios, repetindo nas ruas do Rio de Janeiro e, logo após, também nas vias das principais cidades brasileiras, as *promenades* características do carnaval parisiense. Deslocar-se em carruagens abertas tornar-se-ia um fim em si mesmo, marcando o desejo de ocupar as ruas das cidades, característico da burguesia oitocentista ascendente. Reunidas em grupos cada vez maiores e mais organizados, essas carruagens começam a ser enfeitadas com flores e fitas, buscando reproduzir nos trópicos o modelo do carnaval do curso romano já incorporado por Paris. Os próprios promotores dos bailes incentivam essa moda como se

pode depreender de um anúncio do Tivoly, conclamando a população a acompanhar “um rico carro com mascarados que percorrerão as principais ruas da cidade” saindo do estabelecimento às quatro horas da tarde. Para acompanhar o carro, prossegue o reclame, bastava comparecer mascarado e a cavalo no local e hora indicados (JORNAL DO COMMERCIO, 1848).

O gosto pelo passeio, incentivado pela “boa sociedade” de então, fará com que alguns grupos comecem a se organizar para realizar *promenades* cada vez mais elaboradas, como aquela noticiada pelo escritor e cronista José de Alencar, no Correio Mercantil de 14 de janeiro de 1855. “Muitas coisas se preparam este ano para os três dias do carnaval”, noticia, “uma sociedade criada o ano passado, e que conta já perto de oitenta sócios, todos pessoas de boa companhia, deve fazer no domingo a sua *grande promenade* pelas ruas da cidade”. Noticiado com antecipação, esse passeio se tornaria um marco do carnaval carioca. O grupo, denominado Congresso das Sumidades Carnavalescas, passaria a ser considerado a primeira “sociedade carnavalesca” a ocupar as ruas do Rio de Janeiro, estabelecendo o paradigma para os deslocamentos organizados de foliões a partir de então. Em poucos anos, dezenas de outras sociedades estabelecidas com o objetivo de desfilar pelas ruas já se movimentariam pela cidade, iniciando uma verdadeira revolução nos costumes carnavalescos marcada, principalmente, pela nova forma de abordar e significar o espaço festivo da capital do Brasil.

A ocupação das ruas pela folia burguesa irá refletir as modificações pelas quais estava passando a paisagem urbana carioca (ABREU, 1997). A rua deixava de ser vista apenas como local de negros escravos, pobres, moleques e prostitutas, tornando-se, paulatinamente, espaço de lazer para a burguesia. A ocupação festiva do centro urbano carioca, capitaneada pelas sociedades carnavalescas, buscava obnubilizar a festa popular que iniciava seus primeiros passos organizados pelas ruas do Rio de Janeiro. A crônica jornalista esforçava-se por ignorar os desfiles de grupos populares, as comemorações negras e as festas públicas realizadas nos dias de carnaval desde o período colonial, buscando, na valorização das modernas e bem organizadas sociedades carnavalescas, construir uma origem civilizada, polida e europeia para novo carnaval. (ARAÚJO, 1996)

Todo esse investimento na estruturação de uma narrativa hegemônica para a nova brincadeira carnavalesca da elite irá incentivar ainda mais o surgimento

de novas sociedades que, em poucos anos, começariam a disputar o reduzido espaço do centro do Rio de Janeiro.

A DISPUTA PELO ESPAÇO

Após sua visita à capital brasileira em 1846, Thomas Ewbank, comentaria sobre a exiguidade de espaço do centro urbano carioca, destacando que algumas ruas “correm em todas as direções possíveis, circunstância devida às montanhas por elas isoladas e às praias angulosas e denteadas da baía”. O autor prossegue comentando que

as ruas são estreitas, a Rua da Alfândega, por exemplo, tem apenas cinco metros e meio de uma parede a outra, largura geral em todas as outras partes da cidade. Algumas das ruas excedem essa média, ao passo que as outras são simples vielas. [...] Não são utilizadas pedras guias, pois as carruagens, ao passarem umas pelas outras, cruzam bem perto das fachadas das casas. Pelo mesmo motivo, não se permitem escadas ou quaisquer outras saliências [...]. A Rua do Rosário é uma genuína rua mourisca, tendo 3,60 metros de largura entre as fachadas das casas. O espaço reservado ao trânsito de veículos tem apenas 1,80 metros (EWBANK, 1976 p. 73).

É nesse espaço acanhado, nas cerca de trinta ruas estreitas limitadas por morros e áreas alagadas do centro do Rio de Janeiro, que desfilariam as dezenas de sociedades carnavalescas surgidas após o sucesso do Congresso das Sumidades Carnavalescas.

Considerando-se que os grupos, em sua maioria, realizavam dois passeios, um no domingo e outro na segunda-feira de carnaval, e que seus deslocamentos, iniciados quase todos por volta das dezessete horas, não seguiam nenhuma espécie de organização prévia, ficando a cargo de cada sociedade a determinação de seu roteiro, é de se imaginar a variada gama de problemas que ocorriam, decorrentes, em sua maioria, da disputa de espaço entre os grupos.

Fatores como o número de componentes de cada grupo, o prestígio social de seus organizadores e participantes, a precedência na ocupação dos logradouros, a imponência na decoração dos carros e elaboração das fantasias, o apoio popular ou até os argumentos da força devem ter sido levados em conta para o estabelecimento paulatino de uma espécie de ordem de importância de cada grupo. Ou seja, é a partir da necessidade de ocupação festiva, mesmo que temporária, do espaço urbano carioca, que começava a se instalar uma diferenciação entre os diversos grupos que se organizavam para brincar o carnaval. Os que conseguiam se

impor, seja por que razão fosse, adquiriam prestígio e ampliavam sua capacidade de organização, quase sempre traduzida em desfiles cada vez mais imponentes e atrativos para o público. Esse poder carnavalesco também iria se traduzir na possibilidade de o grupo determinar seu próprio trajeto que, certamente, seguiria pelas ruas mais importantes da cidade. Aos outros grupos, menos poderosos, caberiam as artérias secundárias. O próprio público que acorria ao centro do Rio de Janeiro para assistir à passagem das sociedades passava a privilegiar as ruas por onde desfilariam os grupos mais imponentes e, portanto, mais aguardados, estabelecendo uma nova disputa pelo espaço e uma nova valorização dos lugares festivos. Começava a se estabelecer uma espécie de hierarquia espacial festiva marcada pela definição dos lugares carnavalescos¹ que determinariam o formato das sociedades e por elas seriam determinados.

Entretanto, apesar de se apresentarem nos periódicos da época como os principais atores do carnaval carioca, as sociedades não eram os únicos grupos a ocupar as ruas do Rio de Janeiro e disputar seu espaço e seus sentidos. Paralelamente à folia organizada pela elite, outras brincadeiras, classificadas como “populares” também lutavam por seu direito à festa. Entre esses grupos, destacavam-se as turmas semiorganizadas de foliões das classes menos favorecidas, os cortejos negros tradicionais e as brincadeiras inclassificáveis, todos reunidos sob a categoria genérica denominada entrudo. Esta denominação, aliás, era um modo de enevoar e rejeitar a riqueza das formas de diversão carnavalescas populares que, confundidas numa categorização genérica e preconceituosa, não permitiam que a sociedade da época pudesse diferenciar, e valorizar, a diversidade formal do carnaval popular, como se depreende da advertência ao Clube dos Fenianos (uma das mais importantes sociedades carnavalescas da época), publicada no *Jornal do Commercio* de 23 de fevereiro de 1884:

Rapazes, se tendes um pouco de amor-próprio; se quereis sustentar as vitórias alcançadas em todos os outros anos, não saiais neste carnaval. Atendei à circular do senhor chefe de polícia, onde só devem imperar o entrudo e as balas de revólveres.

Apesar desse esforço em rejeitar como uma massa disforme (e, portanto, “perigosa”) as brincadeiras não reconhecidas “oficialmente” pelos meios de co-

¹ Sobre a definição de “lugar carnavalesco”, Ferreira afirma que “a festa carnavalesca [...] não se define [...] pelo formato dos eventos que a compõem, mas pela própria luta para se determinar o que é Carnaval dentro do espaço. Assim, Carnaval será a festa que ocupará o espaço urbano como Carnaval (2005, p. 322).

municação e divulgação da época, o carnaval popular continuava a existir e a disputar o mesmo espaço das manifestações valorizadas pela elite intelectual. Ocupando, basicamente, os interstícios da festa institucionalizada pela sociedade, as manifestações populares, ainda assim, imporiam sua presença no carnaval carioca da segunda metade do século XIX. Mesmo não tendo seus passeios divulgados pela imprensa, como ocorria com as principais sociedades carnavalescas, esses grupos acabavam, de uma forma ou de outra, sendo notados pelos outros grupos carnavalescos e pelo público que acorria às ruas para se divertir. Vale ressaltar que quando nos referimos a uma “elite oitocentista” precisamos compreender que esta não é uma categoria social monolítica. Existiam então, na verdade, várias “elites”, algumas totalmente avessas ao popular, é certo, outras, entretanto, bastante permeáveis a múltiplas referências culturais.² Desse modo, a presença das manifestações carnavalescas populares nas ruas do Rio de Janeiro oitocentista, certamente não terá sido ignorada pelo resto da população, incluindo a elite. O resultado disso é que a necessidade de ocupar o espaço das ruas durante o carnaval pode ser traduzido como uma disputa entre uma multiplicidade de manifestações que buscam, cada uma delas, determinar os significados que constroem seu lugar carnavalesco. Uma batalha que se traduz num diálogo tenso pela hegemonia carnavalesca³ e que acabaria por permitir, e incentivar, o surgimento de novas formas de brincar que, como define Canclini (1997), são formas híbridas, nem cultas, nem folclóricas, nem massivas, mas produtos de disputas pela ocupação física e simbólica do espaço.

O resultado desse processo é o surgimento de diversas brincadeiras que misturavam, em diferentes graus, os formatos das sociedades carnavalescas (com sua organização, seus carros imponentes, suas fantasias luxuosas e suas bandas tocando marchas militares) e dos grupos populares (com sua espontaneidade, sua alegria, sua organização mais frouxa e seus batuques), como sugere a descrição a seguir: “Outros grupos, menos vistosos, é certo, porém não menos alegres, percorreram também as ruas, contribuindo para tornar ainda mais festivo o dia de ontem”. Um desses grupos era o Club das Niniches, que

² Além disso, quando falamos que a elite brinca o carnaval “à francesa”, por exemplo, estamos na verdade reproduzindo um discurso que busca impor esta visão. Este discurso irá determinar não somente a visão que a elite tem de si mesma, mas a visão que a sociedade em geral tem dessa elite.

³ Sobre a disputa pela produção de sentidos como fator determinante dos processos culturais, em especial daquilo que modernamente chamamos de cultura popular, ver Storey (2003; 2009).

desfilou de manhã, trajando roupas de banho. “Na frente ia o seu presidente com estandarte, e em seguida os sócios, cada qual zabumbando com mais força” (JORNAL DO COMMERCIO, 1881).

Além da atuação direta dos grupos de foliões propriamente ditos e do público que afluía para assisti-los, outro elemento importante para a definição do espaço carnavalesco carioca no século XIX foram as turmas organizadas de habitantes dos diferentes quarteirões da cidade. Interessados na presença dos grupos de foliões no trecho de rua onde residiam ou possuíam seus negócios, os moradores e comerciantes de determinadas ruas começaram a se organizar para elaborar estratégias capazes de atrair os desfiles para suas portas.

A primeira ação nesse sentido seria a decoração de segmentos das ruas, inicialmente com bandeirolas e, logo depois, com coretos, arcos, palmeiras, bandeiras, dísticos, figuras grotescas, fogos de bengala e toda sorte de elementos decorativos. A estratégia incluía a contratação de comissões encarregadas de organizar os festejos e a publicação de anúncios nos jornais, como o reproduzido abaixo, procurando convencer os grupos a passarem pelo espaço especialmente decorado:

A rua do Rosário, quarteirão da rua da Uruguaiana à rua dos Ourives, [...] aparecerá este ano linda e louçã, merecendo mesmo ser frequentada pelos foliões carnavalescos, lembrando-se mesmo os moradores desta rua que todas as sociedades incorporadas subindo pela do Ouvidor e descendo pela rua do Rosário se livrarão de encontros e apertos, e certos barulhos, como sempre se dão na Rua do Ouvidor. (JORNAL DO COMMERCIO, 1869)

A imprensa, por sua vez, procura cumprir o seu papel de incentivadora do novo carnaval, produzindo relatos que valorizam e divulgam os investimentos dos moradores:

Nunca houve no Rio de Janeiro carnaval tão brilhante como o deste ano. Nas ruas do Hospício, Violas, S. Pedro, Ourives e Quitanda, flutuavam, em subido número, bandeiras com dísticos e pinturas caricatas, algumas das quais de muito espírito. [...] Na rua da Quitanda desdobrou-se durante alguns minutos, ao sopro da viração, uma bandeira branca, a qual tinha na parte central um desenho, figurando duas irmãs de caridade, com o seguinte dístico: “Importação - Livre de direitos”. [...] Note-se que em outras ruas houve caricaturas de levar cabelo e couro, algumas das quais contra o atual ministério. [...] Na rua de S. Pedro, por exemplo, vi uma que representava uma espécie de carro triunfal, em cujas almofadas se repoteava o Sr. Conselheiro Mattoso Câmara; o Exmo. Presidente do conselho de ministros desempenhava as funções de cocheiro e seus colegas... (SEMANA ILLUSTRADA, 1862)

Além do investimento em decorações, as ruas organizavam corpos de jurados para premiar, com taças, troféus ou coroas de flores, os grupos que se destacassem ao passar por elas. Essas ações reforçavam a qualificação seletiva dos espaços urbanos da cidade já concentrados pela ação direta dos grupos. O resultado dessas estratégias seria a determinação cada vez mais clara de ruas e praças “carnavalescas” e “não carnavalescas”, diferenciação paulatinamente estabelecida não só pelas ações diretas dos atores preferencialmente envolvidos no processo de resignificação dos espaços, mas também por toda uma série de contingências que escapavam a qualquer planejamento ou projeto. Desse modo, alguns trechos de ruas que investiram pesadamente na decoração de seu espaço acabariam ficando de fora dos trajetos por estarem descentrados dos roteiros preferenciais. Ou seja, para chegarem até lá, os grupos carnavalescos teriam que atravessar uma distância considerável de locais desqualificados. Do mesmo modo, ruas que pouco investiram em sua valorização acabariam sendo lugares privilegiados para os desfiles por se encontrarem entre dois logradouros reconhecidamente carnavalescos. Outras vias, por concentrarem pontos de interesse, como as redações de jornais, apresentavam-se “naturalmente” como espaços importantes para os desfiles. Determinavam-se, assim, a partir de uma variedade de interesses em conflito, os espaços qualificados para o carnaval e, conseqüentemente, aqueles alijados da folia.

A resignificação paulatina do espaço urbano do Rio de Janeiro, ligada às formas de ocupação da cidade nos dias de carnaval, estabelecia desse modo uma hierarquia dos espaços carnavalescos, exercendo papel determinante na formatação da festa que, a partir de então iria adquirir identidade e significados próprios. É importante notar, entretanto que, longe de impor um formato ou práticas específicas pré-determinados, as rugosidades⁴ presentes no espaço festivo carioca exercerão o papel de articuladores das múltiplas contingências e interesses em jogo na disputa pelo lugar carnavalesco.

CONCLUSÃO

Buscamos, no presente artigo, destacar a relevância do processo de concentração espacial na formação e fixação do carnaval carioca e, por conseguinte,

⁴ Sobre a noção de rugosidades como elementos da produção de espaço ligado a funções sociais dos lugares, ver (SANTOS, 1986).

brasileiro, a partir da primeira metade do século XIX. Iniciada com o movimento de importação da folia parisiense pela elite do Rio de Janeiro, na qual estava imbuído o desejo de ocupação física e simbólica do espaço urbano que marca a burguesia oitocentista, essa ação consciente teria consequências impossíveis de serem previstas por aqueles que a desenvolveram. Uma delas seria a redução do poder feminino na organização e produção de sentidos da festa, substituído pelo domínio masculino, muito notável no controle e preparação dos bailes e desfiles, nos quais a participação feminina se subordina à lógica masculina.

Do mesmo modo, a presença importante do espaço privado nos eventos carnavalescos, característica do entrudo familiar, começa a ser substituída pela predominância cada vez maior do espaço da coletividade. Aos poucos, a festa do carnaval será definida como essencialmente pública, opondo-se às comemorações privadas de família, como Natal e Páscoa.

Outra modificação notável será a hierarquização do espaço carnavalesco sob a égide da elite foliã. As ruas deixam de ser espaços relativamente democráticos, no qual escravos e população carente podiam se divertir com uma certa liberdade, para se estabelecerem como locais de negociação entre o povo e a elite. Note-se, entretanto, que, ao contrário do que se esperava, essa negociação não seria conduzida exclusivamente pelos idealizadores do “novo” carnaval, mas, ao contrário, torna-se um espaço de diálogos de interesses que refletem as tensões sociais da cidade. Ou seja, mesmo não detendo o poder econômico, as classes menos privilegiadas conseguiram impor muitos de seus significados à festa, traduzidos em (e influenciados por) formas de desfile, ritmos e expressões materiais de visualidades peculiares que acabam por se incorporar às manifestações carnavalescas.

É nesse sentido que podemos pensar na ideia de um carnaval carioca (e brasileiro). Não uma festa essencialmente ligada a possíveis “raízes populares” guardadas ciosamente no seio de um “povo” idealizado, isolado de influências modernizantes e “destrutivas”. Não uma festa importada e destituída de sentidos “verdadeiros”, buscando imitar e reproduzir, nos trópicos, modos e modas europeias. Tampouco uma festa produzida a partir de uma negociação anódina representada por um idílico somatório das melhores características de cada uma das partes, rejeitando-se, num consenso improvável, os elementos passíveis de discussão. Menos ainda uma festa estruturada a partir da imposi-

ção, pela força dos poderosos ou astúcia esperta dos dominados, de expressões particulares a cada um deles. O carnaval, por sua própria significação como lugar carnavalesco, se define no Rio de Janeiro (ou em Recife, Nova Orleans, Barranquilha, Oruro ou Nice) como um espaço de negociações particulares (tensas ou não) entre múltiplos atores, onde o conceito de espaço não é uma simples expressão retórica, mas um elemento essencial e único de articulação de sentidos.

Recebido em: 07/04/2011

Aceito em: 17/05/2011